



Ana Paula Rainha / Arquitecta; Mestre em Arquitectura;
Doutora em História pela Universidade Portucalense Infante D. Henrique.

O papel do desenho livre no processo de projecto The role of the free drawing in the process of project

Resumo:

A composição do espaço urbano parece hoje uma questão um pouco esquecida na prática da construção da cidade. Este processo de empobrecimento da riqueza formal e compositiva do espaço urbano esclarece-se quando entendidas as prioridades que disciplinas várias adquirem no planeamento, que passa a actuar a uma macro-escala, movendo o centro das preocupações urbanísticas para campos excêntricos à composição formal, alicerçada sobre a experimentação compositiva e a criatividade individual do projectista. É o percurso desta mudança que este artigo procura traçar sumariamente, relacionando-o com o processo de desenho ao longo das suas diversas fases.

Abstract:

The composition of the urban space seems to be, nowadays, a little bit forgotten in the context of the actual practice of the construction of cities. We can understand this, as soon as we understand the priorities and the role that several disciplines acquire when planning today, forgetting the formal composition based on the experience and individual creativity of the designer. Is the course of this change that this article wants to show, in a quite summary way, relating it with the process of design, through its several faces.

A composição do espaço urbano parece hoje uma questão um pouco esquecida na prática da construção da cidade. Este processo de empobrecimento da riqueza formal e compositiva do espaço urbano esclarece-se quando entendidas as prioridades que disciplinas várias adquirem no planeamento, que passa a actuar a uma macro-escala, movendo o centro das preocupações urbanísticas para campos excêntricos à composição formal, alicerçada sobre a experimentação compositiva e a criatividade individual do projectista. É o percurso desta mudança que este artigo procura traçar sumariamente relacionando-o com o processo de desenho ao longo das suas diversas fases.

O “desenho” medieval demonstra uma grande apetência por uma composição tão sensível quanto empírica. A preocupação com uma regra que se traduza numa ordem compositiva mais clara, chega com a proximidade de quattroceto. Esta preocupação do século XIV pela ordem visual parece ser um rasgo tipicamente italiano, presságio da chegada do Renascimento e, com ele, de quatro séculos de desenho urbano mais disciplinado.

De facto, a composição medieval sofrerá os efeitos da frieza do processo de intelectualização, que os tratadistas do Renascimento sistematizaram, e que, ao nível da composição urbana, será operacionalizado durante os séculos XVII e XVIII. Note-se que a arquitectura sofre o mesmo processo, aqui interrompido pelas normativas saídas do Concílio de Trento⁶⁰, que visam voltar a conceder ao sujeito a possibilidade de uma leitura espacial fácil e pedagógica, prévia à interpretação erudita.

Algumas intervenções românticas, pontuais na prática urbanística dos séculos XVIII e XIX, não serão suficientes para contrariar o sentido das operações urbanas maioritárias - se bem que o desenho de conteúdos românticos seja utilizado na reformulação da cidade capitalista.

⁶⁰ 19º concílio ecuménico; 1545 a 1563.

O importante nas contribuições teórica dos tratadistas do Renascimento e do Tardo-Renascimento teria sido o asseverar a crença firme de que a vida humana podia racionalizar-se inteiramente, através do labor mental e de esquemas “lógico-filosóficos”, sendo fundamentalmente estas ideias racionalistas que estariam por detrás das propostas de novos modos de implantar a cidade, e não considerações de natureza espacial ou inerentes a relações e conceitos espaciais.

Esta racionalização corre paralela com o deteriorar da sensibilidade à terceira dimensão espacial que declina gradualmente até ao Séc. XIX, altura em que deixa de existir completamente. O triunfo da razão completa-se, mas introduz grande secura na composição.

A racionalização intelectual da cidade continuará com Claude Ledoux, e não será casualmente que o seu conceito de cidade ideal é unicamente planimétrico e carece de coerência espacial - a bidimensionalidade instala-se e será “princípio director” durante todo o século XIX. O espaço barroco, o espaço cenário da “sensual fúria de viver” que caracterizará a cidade até à revolução industrial, está definitivamente enterrado e com ele o desenho da cidade encarado como processo de determinação formal, desenvolvido dentro de um corpus de poéticas e de tradições linguísticas que a história significará.

O único modo de descrever as estruturas da linguagem parece ser o da síntese histórica. A linguagem da arquitectura forma-se, define-se e supera-se na história, em conjunto com a própria ideia de arquitectura. Neste sentido, constituir uma “gramática geral da arquitectura” é uma utopia. Só se podem reconhecer e descrever sintaxes e “códigos” historicamente definidos, úteis como “ideal-tipo” na análise historiográfica (Tafuri, [1973] 1985).

Poderemos então dizer que, se as tensões espaciais do maneirismo erudito de um Capitólio se diluem primeiro no desarticular das geometrias compositivas, estas, por

sua vez, deram lugar, no séc. XIX, a uma composição clara, isenta de contradições formais aparentes, de que são exemplos as intervenções oitocentistas na Praça do Povo. É a imensidão das certezas oitocentistas que o espaço incorporará, traduzida agora em lógicas compositivas claras - porque a tão apregoada dúvida só existe no campo experimental, circunscrita a um universo, onde se sabe à priori que ela está temporariamente circunscrita; é apenas uma dúvida operacional necessária à eterna progressão burguesa.

Tafuri, esclarece a articulação entre a aridez do pragmatismo da cidade burguesa e a introdução do pitoresco na cidade:

Não é por acaso, que precisamente no momento em que a economia burguesa começa a descobrir e a lançar as suas próprias categorias de acção e de juízo, dando aos "valores" conteúdos directamente mensuráveis com os metros ditados pelos novos métodos de produção e de troca, a crise dos antigos valores seja subitamente escondida por um recurso a novas sublimações, tornadas artificialmente objectivas através do recurso à universalidade da natureza (Tafuri, [1973] 1985).

Através deste parágrafo Tafuri traça magistralmente a crise de consciência que inaugura o Romantismo europeu - para este autor a inserção do pitoresco na cidade traduz a valorização desta, valorização essa que tende a negar a dicotomia já evidente entre a cidade e os campos - ao persuadir de que não existe nenhum salto entre a valorização da natureza e a valorização da cidade enquanto máquina reprodutora de novas formas de valorização económica - a nova cidade é mais uma operação burguesa que esconde a sua verdadeira face.

A cidade como estrutura que determina, através dos seus próprios mecanismos de acumulação, a transformação dos processos de aproveitamento do solo e dos

rendimentos agrícolas e fundiários. Ora, são os novos valores que a sociedade de setecentos inaugura, traduzidos nos novos métodos de produção e de troca, que serão agora postos em prática na construção da cidade, sendo que a pretendida abstracção teórica serve para destruir os esquemas de desenho e de desenvolvimento mais intuitivos.

A estrutura urbana enquanto registo dos conflitos que dão a vitória ao progresso tecnológico, muda violentamente de dimensão, configurando-se como estrutura aberta, na qual é utópico procurar encontrar pontos de equilíbrio; referimo-nos, como é evidente, à propagação das malhas ortogonais, que servem de modelo ao violento crescimento da cidade.

Poderemos então dizer que o desenho urbano é corroído, quando a cidade iluminista sente a necessidade da sua sistematização quantitativa, e a cidade industrial começa a aplicar lógicas estritas na tentativa do entendimento do urbano. A construção da cidade, encarada como lugar de reprodução da força de trabalho, passa a ser controlada pelo funcionalismo, informado pelo planeamento quantitativo, que se quer caucionado numa base científica⁶¹, situação que se agravará já no século XX, na urgência da reconstrução europeia após a Segunda Guerra Mundial.

Je m'étais déjà attaché de signaler une anomalie des textes produits par l'urbanisme. Je montrais qu'ils s'attribuent un statut scientifique auquel ils n'ont pas le droit, que leurs propositions sont, en fait, sous tendus par des idéologies non dites et non assumés. L'enjeu de ma démonstration était alors polémique: dénoncer l'imposture d'une dis-

61 Note-se que este ponto se refere a uma generalidade, sendo evidente o mérito de numerosos estudos "científicos" e "matemáticos", que muito terão contribuído para um alargamento do campo de compreensão dos problemas urbanísticos.

cipline qui, dans une période de construction fiévreuse, imposait son autorité sans conditions (Choay, 1980).

Na década de 50, o planeamento regional e urbano assumiu uma posição de destaque em todo este processo. Enfatizavam-se atitudes racionais e tomadas de decisão apoiadas em vários campos disciplinares, essencialmente na economia, na sociologia e na geografia, numa visão sistémica global e racional. Neste contexto, a macro visão do planeamento ignorou, de um modo geral, as especificidades do urbano, enquanto espaço com toda a sua problemática física, sócio-cultural e mesmo micro económica.

As propostas preocupavam-se basicamente com a localização de recursos e actividades, com base em dados estatísticos - ditos objectivos - sendo o espaço urbano um suporte físico para campos disciplinares diversos, acabando por ser omitido e ignorado enquanto forma. A arquitectura, por seu lado, mostrava-se descontextualizada, sem preocupações de maior pelo quotidiano dos cidadãos ou pelas características próprias de cada sítio.

Surge um distanciamento claro entre a arquitectura e planeamento. Para que o tratamento do espaço urbano realce a sua vertente mais importante - e que é o respeito pelo espaço - há que ultrapassar o fosso entre urbanismo e arquitectura, ultrapassar este fosso disciplinar e eleger o desenho urbano como ferramenta capaz de lidar com esta interdisciplinaridade.

Enquanto que o desenho urbano se concentra, actualmente, em compreender as complexidades do processo de desenvolvimento urbano e em elaborar possibilidades para intervenções a nível da qualidade físico-ambiental, já a sua institucionalização académica inicial admite que ele não pode ignorar praticamente nenhuma área de conhecimento do ambiente urbano. Consequentemente, engloba teorias, procedimentos e técnicas da arquitectura, da psicologia, do ambiente, da geografia, da história, do paisagismo, da engenharia, dos transportes, da administração do território,

da micro economia e do próprio planeamento, enquanto disciplina autónoma.

Referências:

CHOAY, F. (1980). La règle et le modèle: sur la théorie de l'architecture et de l'urbanisme. Paris: Seuil.

TAFURI, M. ([1973] 1985). Projecto e utopia. Lisboa: Presença.